

**“O PROFESSOR SEMPRE SE REINVENTA” -
ESTRATÉGIAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA
IMIGRANTES HAITIANOS, NARRATIVAS DE LAURA**

**“THE TEACHER ALWAYS REINVENTS HIMSELF” -
PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING STRATEGIES FOR
HAITIAN IMMIGRANTS, LAURA’S NARRATIVES**

Neusa Inês Philippsen¹
Eleandra Negri Costa²
José Isavam Oliveira Silva³

RESUMO

Este estudo analisa os desafios enfrentados por uma professora de Língua Portuguesa (LP) na acolhida de alunos imigrantes haitianos, fundamenta-se em teorias da Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2014) contra preconceitos linguísticos e sociais. Utilizou-se uma metodologia qualitativa, com excertos narrativos da experiência de uma professora em Sinop - MT, sobre o ensino de LP a jovens imigrantes. Os resultados enfatizam a necessidade de práticas de ensino acolhedoras e afetivas, que ressaltam a relevância de abordagens empáticas e inclusivas no ensino de LP como segunda língua para estudantes imigrantes.

Palavras-chave: Sociolinguística Educacional, Imigrantes Haitianos, Língua Portuguesa, Ensino e Aprendizagem.

ABSTRACT

¹ Profa. Dra. do Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLEtras) - Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) - *Campus* Universitário de Sinop - MT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6576939578371604>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0406-3984>. Email: neusa.philippsen@unemat.br.

² Mestra do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLEtras) - Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) - *Campus* Universitário de Sinop - MT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1636521201283673>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1434-8836>. Email: eleandra.negri@unemat.br.

³ Mestre do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLEtras) - Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) - *Campus* Universitário de Sinop - MT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6898939831562366>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2026-7129>. Email: isavam.silva@unemat.br.

This study analyzes the challenges faced by a Portuguese Language (LP) teacher when welcoming Haitian immigrant students, based on theories of Educational Sociolinguistics against linguistic and social prejudices. It used a qualitative methodology, with narrative excerpts from the experience of a teacher in Sinop - MT, about teaching PL to young immigrants. The results emphasize the need for welcoming and affectionate teaching practices, which highlight the relevance of empathetic and inclusive approaches in teaching LP as a second language to immigrant students.

Keywords: Educational Sociolinguistics, Haitian Immigrants, Portuguese Language, Teaching and Learning.

1 Introdução

Neste estudo, adotamos uma abordagem qualitativa interpretativista, embasada na perspectiva de Minayo (2009) e Flick (2009) e enriquecida pelas técnicas da pesquisa narrativa, conforme descrito por Clandinin e Connelly (2011). A fundamentação teórica se ancora na Sociolinguística Educacional, que nos permite examinar a interação entre a língua e o contexto social. Este enfoque teórico é sustentado pelas contribuições de autores renomados, como Bagno (2009), Bortoni-Ricardo (2014), Amaro e Philippsen (2019), assim como pelas concepções de Labov ([1972] 2008).

Minayo (2009) destaca que a pesquisa qualitativa explora questões particulares e foca em um nível de realidade imensurável, trabalhando com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. E Flick (2009) ressalta a importância dessas pesquisas diante da acelerada mudança social e da crescente diversificação das esferas da vida, que desafiam os pesquisadores sociais com novos contextos e perspectivas.

A participante da pesquisa (doravante Laura⁴), é uma professora de LP da educação básica, com 62 anos de idade e formada em Letras – Português/Inglês, no ano de 1993. Ela possui 21 anos de atuação em escolas e leciona numa escola da rede estadual do município de Sinop-MT.

⁴ O termo "Laura" é utilizado como um nome fictício para representar uma pessoa de maneira genérica numa pesquisa sobre os desafios que emergem da narrativa de uma professora de Língua Portuguesa na acolhida de alunos imigrantes haitianos. O uso de nomes fictícios como "Laura" contribui para preservar a privacidade e confidencialidade, evitando associações diretas com indivíduos reais em situações ilustrativas, pedagógicas ou exemplificativas.

Os dados deste estudo foram coletados através de entrevistas semiestruturadas conduzidas *on-line* via *WhatsApp* com a educadora Laura. Suas narrativas focaram no acolhimento de alunos imigrantes, nas metodologias de ensino aplicadas, na interação com a turma e no envolvimento das famílias na vida escolar. As histórias narradas por Laura destacam os desafios enfrentados em sua prática docente, que incluem a busca contínua por estratégias de ensino inovadoras e adaptativas para melhor atender às necessidades de seus alunos.

Os resultados evidenciam que ensinar uma segunda língua para imigrantes em situação de fragilidade é um desafio que vai além dos aspectos linguísticos e culturais. Requer, também, prática de ensino acolhedora e afetiva por parte do professor. Esta prática obtém melhores resultados ao se posicionar como mediador do ensino e aprendizagem de LP. Além disso, observou-se ser fundamental considerar as relações interpessoais com a comunidade escolar, especialmente no caso de imigrantes adolescentes.

2 Fundamentação teórica

A fundamentação teórica deste estudo contempla cinco (5) assuntos: a história da imigração para o Brasil, com ênfase nos motivos, períodos de maior fluxo e impactos na sociedade; a imigração específica para o Mato Grosso, com destaque às origens, culturas e contribuições dos imigrantes nessa região; uma apresentação de teorias linguísticas, que aborda tópicos como aquisição de linguagem, bilinguismo e multilinguismo; a constituição da Sociolinguística e seus principais expoentes; e a Sociolinguística Educacional, que examina a interação entre aspectos sociais e culturais e o ensino e aprendizagem de línguas, visto que inclui diversidade linguística, políticas linguísticas e práticas pedagógicas em ambientes multilíngues.

2.1 A imigração para o Brasil

Para elaboração de nosso estudo, foi muito relevante fazer um levantamento sobre o país de origem de nossos pesquisados, destacando-se, nesse contexto, o Haiti. Para tanto, cabe destacar que “O Brasil tem fronteiras abertas para o acolhimento de imigrantes

refugiados do Haiti desde o triste incidente que acometeu o país caribenho em janeiro de 2010” (Amaro; Philippsen, 2019, p. 17).

A imigração haitiana para o Brasil, iniciada em 2010, foi motivada por questões políticas, econômicas e sociais, em resposta à grave crise humanitária, conflitos políticos e colapso econômico vivenciados no Haiti.

O Haiti é um país caribenho que compartilha a Ilha de São Domingos com a República Dominicana, localizada ao leste, tem como capital, Porto Príncipe, fica na América do Norte, tem como moeda o *gourde* haitiano e quanto ao idioma, no Haiti, é possível encontrar duas línguas oficiais: o francês e o crioulo haitiano. O Haiti sempre foi o país mais pobre da América Latina. Devastado por terremotos e imerso em crises políticas, o país se acostumou com o poder do crime organizado e com o colapso econômico permanente, sendo portanto uma fábrica de refugiados.

Tem uma população de aproximadamente nove (9) milhões de pessoas. A maioria vive na condição de muita pobreza, isso quer dizer que recebem menos de 2 dólares por dia e, em 2010, tinham um dos mais baixos Índices de Desenvolvimento Humano do mundo, segundo os dados da Organização das Nações Unidas – ONU. (Continguiba; Pimentel, 2013).

Quanto ao idioma, o francês, apesar de ser oficial, é utilizado apenas para documentos oficiais e na educação, apenas cerca de 10% da população o fala, as pessoas que o usam são geralmente de classe alta. E de outro lado, o crioulo haitiano é a língua utilizada pela maioria da população, ou seja, cerca de 90%. Sua origem está relacionada aos escravos africanos que misturavam o francês com algumas línguas africanas para se entenderem, e é, portanto, a língua materna da maioria da população, mas é vista como uma língua de segunda classe, com poucos registros escritos.

A crescente imigração haitiana para o Brasil impactou a economia, o mercado de trabalho e as questões sociais e raciais no país. Muitos imigrantes buscam oportunidades de crescimento pessoal e profissional, estabelecem-se em cidades mais proeminentes. Tal movimento tem gerado debates importantes sobre integração e inclusão, ao se considerar que os imigrantes enfrentam desafios de adaptação à nova cultura e língua, além de experienciarem preconceitos e discriminação. É importante, portanto, promover políticas

de inclusão social que ofereçam suporte e facilitem a inserção dos imigrantes na sociedade brasileira.

2.1.1 Os imigrantes que vieram para Mato Grosso

O estado de Mato Grosso foi colonizado na primeira metade do século XVIII, tendo como seu marco inicial a Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, que não tardou a ser chamada de Cuiabá. Neste contexto, cabe ressaltar que:

Em 1727 o arraial do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (1722) foi elevado à vila e, nesse momento, pertencia à jurisdição da capitania de São Paulo. Em 1748 teve sua circunscrição reduzida em função das fundações das capitanias de Mato Grosso e de Goiás (Jesus, 2012, p. 94).

Embora a capitania de Mato Grosso tivesse uma vasta extensão territorial de 48 mil léguas, era composta por apenas dois (2) distritos principais: Cuiabá e Mato Grosso. Suas vilas mais importantes eram a Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, fundada em 1727, e a Vila Bela da Santíssima Trindade, estabelecida em 1752. Conforme Jesus (2012, p.94), durante esse período, a região contava com arraiais, povoados e estruturas militares ao longo da fronteira, sendo a Vila de Diamantino, fundada apenas em 1820, uma adição posterior. A sociedade mato-grossense da época era bastante diversificada, composta por mineradores, comerciantes, advogados e padres.

Em Sinop - MT, a chegada dos haitianos começou por volta de 2014. Hoje em dia, a cidade abriga cerca de 200 haitianos, enquanto o estado de Mato Grosso conta com mais de 3 mil imigrantes desta nacionalidade. Sinop se tornou um destino atrativo para adultos haitianos que procuravam emprego e moradia, a cidade foi percebida por muitos como uma promessa de dias melhores e uma oportunidade para reconstruir suas vidas. Conforme descrito por Amaro e Philippsen (2019), a cidade representou para esses imigrantes uma esperança de melhorar suas condições de vida e começar um novo capítulo em um ambiente diferente.

A professora pesquisada reside em Sinop, um município do estado de Mato Grosso, na Região Centro-Oeste do Brasil. De acordo com o Censo Demográfico de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Sinop possui uma população de 196.067 habitantes. A cidade é fruto da política de ocupação da Amazônia Legal

Brasileira pelo Governo Federal na década de 1970, e seu nome é derivado das iniciais da Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná, responsável pelo seu planejamento.

2.2 A língua e seus teóricos

Ao se tratar de um tema tão complexo, é fundamental buscar embasamento nos grandes teóricos, pesquisadores que estudaram ou estudam a língua em um contexto sociocultural e a compreendem de forma abrangente na ampla área dos estudos linguísticos. Um exemplo proeminente é o linguista suíço do século XX, Ferdinand Saussure, cujas contribuições teóricas fundamentaram a Linguística como uma ciência autônoma. Seu pensamento tem uma influência significativa na teoria da linguagem e nos estudos culturais.

Os ideais defendidos por Saussure só ganharam força após sua morte, com a publicação de seus estudos por um grupo de alunos. O “Curso de Linguística Geral”, sua maior obra, foi publicada em 1916. Saussure apresentou dicotomias, que bipartem a língua em oposição à fala, sendo aquela objeto central da Linguística. Também apresentou a diacronia – estudo da história da língua e a sincronia – estado da língua.

Ainda no século XX, foi nos revelado outro estudioso, no meio linguístico, Noam Chomsky, linguista, filósofo, sociólogo, cientista cognitivo, comentarista e ativista político norte-americano, uma das mais renomadas figuras no campo da filosofia analítica, Chomsky, em suas obras, sugere que a capacidade para produzir e estruturar frases é inata ao ser humano (isto é, é parte do patrimônio genético dos seres humanos) e apresenta a gramática universal. Ressalta, ainda, que não temos consciência desses princípios estruturais assim como não temos consciência da maioria das nossas outras propriedades biológicas e cognitivas.

Outra figura marcante no cenário das funções de linguagem, foi Roman Jakobson, pensador russo, considerado um dos mais importantes linguistas do século XX e o pioneiro da análise funcionalista da linguagem, da poesia e da arte. Ele ampliou o foco na fala e nas ferramentas das análises da comunicação, ofereceu instrumentos para estudos voltados ao modo intencional do emissor na fala até a decodificação da fala perante o receptor. Para tanto, mostra um caminho dividido em seis componentes (emissor, código,

mensagem, canal, receptor e referente) que desdobraria e aumentaria a possibilidade de observação. Assim,

[...] a linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedades e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua (Alkmim, 2010, p. 21).

Alkmim destacou a relação profunda entre linguagem e sociedade, que evidencia como a história da humanidade está intrinsecamente atrelada à existência de sistemas de comunicação oral. Esta perspectiva mostra que a linguagem é mais do que um simples instrumento de comunicação; é importante para a organização social, para a transmissão de cultura, conhecimento e tradições, e para a formação de identidades individuais e coletivas. A linguagem também desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo e na interação social, constitui-se um elemento fundamental na dinâmica humana.

Esta relação é complementada pelo pensamento de Paviani e Roveda (2002), que enfatizam que a língua não é homogênea, varia entre diferentes grupos, culturas, etnias e regiões. Cada grupo social e cultural tem sua própria forma de expressão, sua própria variação linguística. Assim, ao se analisar a relação entre língua e sociedade, é fundamental reconhecer a diversidade de formas de comunicação. A linguagem é central na sociedade para a transmissão de ideias, valores e conhecimentos, mas é importante entender que a comunicação se manifesta em múltiplas formas e estilos, que refletem a rica diversidade das experiências humanas e culturais.

2.3 Sociolinguística

De acordo com Bortoni-Ricardo (2014), a Sociolinguística é a ciência que nasceu da preocupação com o desempenho escolar de crianças de classe baixa ou de grupos étnicos de menor poder econômico. O desenvolvimento dessa teoria foi pautado em dois princípios, o primeiro do relativismo cultural e o segundo da heterogeneidade linguística, inerente e sistemática.

A Sociolinguística, uma disciplina da Linguística, estuda os aspectos resultantes da relação entre a língua e a sociedade, concentrando-se em especial na variabilidade

social da língua, para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma. Conforme Alkmim:

O termo Sociolinguística, relativo à área da linguística, fixou em 1964. Mais precisamente, surgiu em um congresso, originado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), do qual participaram vários estudiosos, que se constituíram, posteriormente, em referências clássicas na tradição dos estudos voltados para a questão de relação entre linguagem e sociedade: John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona (Alkmim, 2010, p. 28).

Alkmim enfatiza a importância histórica desse evento para a compreensão da interação entre linguagem e sociedade e reforça a visão acadêmica sobre a importância e o alcance da Sociolinguística. A autora ainda ressalta o nascimento e a evolução da Sociolinguística desde sua concepção em 1964. Ao longo de mais de meio século, esse campo se expande globalmente, com enfoque em um estudo rigoroso e detalhado da interação entre humanidade e linguagem, baseado em teorias sólidas. Contrária, assim, a percepção de alguns de que a Sociolinguística desvaloriza a linguagem "correta" em prol da "errada", ela na verdade explora como a linguagem e a sociedade se influenciam mutuamente e analisa o impacto de fatores sociais, como classe, gênero e etnia sobre a linguagem, e vice-versa.

Neste sentido, segundo Bagno, há:

Concepções de certo e errado, que implicam diretamente o preconceito linguístico. Também consideramos que esse preconceito é, na realidade, social, porque os indivíduos ou grupos sociais cujas variedades linguísticas são estigmatizadas são exatamente os com menos recursos econômicos e, conseqüentemente, com menos oportunidades de aprender as variedades de mais prestígio social. (Bagno, 2005, p. 15).

Os sociolinguistas, da atualidade, confrontam-se sempre com novas situações, ligadas ao assunto língua, com o propósito de resolverem problemas sociais especialmente quando a vertente envolve a fala de um certo indivíduo ou comunidade na qual ele está inserido. Quando a língua estudada não é desligada do seu indivíduo emissor, tem-se uma nova condição, um novo paralelo a ser elencado no objeto do estudo, independentemente da vontade do pesquisador.

Como relata Candau (2008), neste contexto, extremamente vivo e plural de discussão e busca, algumas questões podem ser identificadas como ocupando uma posição central nos debates, sendo expressão de matrizes teóricas e político-sociais diferenciadas. Entre elas podemos citar a problemática da igualdade e dos direitos humanos, em um mundo marcado por uma globalização neoliberal excludente, e as questões da diferença e do multiculturalismo, em tempos de uma mundialização com pretensões monoculturais.

Essas relações sociais, entre língua e indivíduo, que desemboca em um espectro mais amplo, mostra o quanto podemos ganhar em relação ao contexto linguístico, aos domínios social e individual em prol do falante, como reforça Bagno:

A história das línguas e das sociedades conta que para haver alguma grande mudança nos conceitos de língua “certa” e língua “errada”, é preciso que também haja, ao mesmo tempo, uma grande e radical transformação das relações sociais (Bagno, 2003, p. 31).

A concepção da Sociolinguística como uma área que olha para o meio de uma comunidade, investigando seus aspectos, reforça sua multiface, seu brilho heterogêneo, que nega a supremacia da homogeneidade forçada, possibilitando aferir os usos da língua solidamente, o que ganha aporte na fala de Alkmim (2010), que diz que, para a Sociolinguística, a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição, e a interpretação do comportamento linguístico. As diferenças linguísticas, observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico.

Portanto, desde os estudos de Labov na década de 1960, ou mesmo antes com as atividades de Meillet e Bakhtin, juntamente com os demais membros do Círculo Linguístico de Praga, no começo do século passado, podemos observar a finalidade dos estudos sociolinguísticos se ajustando ao seu tempo, em determinadas épocas, mas com os objetivos centrados em um foco comum, o do enriquecimento da língua. Nesse contexto, Pandovani e Sanches ainda nos esclarecem que:

Apesar da sociolinguística ter diferentes temas de investigação, uma coisa que une todos os estudiosos da área é o interesse em compreender de que modo os indivíduos usam a linguagem. Em outras palavras, os sociolinguistas não estão apenas interessados em documentar as diferentes linguagens, mas também querem responder perguntas como: Quem usa essas diferentes formas ou variedades linguísticas? Eles são

conscientes da sua escolha? Por que algumas formas ou línguas se impõem sobre outras? Existe alguma relação entre as formas em fluxo em uma comunidade de falantes? Que tipo de informação social atribuímos a diferentes formas em uma língua ou diferentes variedades linguísticas? Quando podemos mudar ou controlar a linguagem que usamos? A partir das repostas encontradas a estas perguntas o sociolinguista pode demonstrar que a variação é previsível e determinada por fatores linguísticos e/ou extralinguísticos (Pandovani; Sanches, 2016, p. 544).

Cabe ressaltarmos também que a Sociolinguística, com o passar do tempo e por causa de diferentes escopos e propósitos de pesquisas, fragmentou-se em distintas vertentes de estudos, que apresentam enfoques diferenciados de acordo com suas especificidades. Dentre essas vertentes, destacamos a Sociolinguística Educacional, que atende aos nossos objetivos de pesquisa. Na próxima subseção, apresentamos mais detalhadamente com o que se ocupa essa vertente.

2.3.1 Sociolinguística Educacional

A vertente da Sociolinguística Educacional começou a ser mais amplamente difundida no Brasil na década de 1980 por Bortoni-Ricardo (2005). Para a autora, a Sociolinguística Educacional oferece uma visão abrangente da relação entre linguagem, sociedade e educação, mais especificamente em como a educação linguística deve ser abordada nas escolas.

Bortoni-Ricardo enfatiza que a escola pode (e deve) focar em estilos monitorados de linguagem, como aqueles usados em apresentações, mas sem influenciar os estilos coloquiais dos alunos. Ela também sugere que a escola deve estar atenta às variações linguísticas que são socialmente estigmatizadas, visto que elas recebem cargas maiores de preconceito linguístico. Além disso, destaca que, no Brasil, a variação linguística não é um índice sociossimbólico de etnicidade, exceto em comunidades bilíngues, e que os estilos monitorados da linguagem devem ser usados em eventos de letramento em sala de aula.

A descrição da Sociolinguística Educacional, segundo a autora, deve incluir a análise etnográfica do uso da variação linguística em sala de aula e é crucial que tanto estudantes quanto professores estejam cientes de que a variação linguística pode refletir desigualdades sociais.

Essas perspectivas desafiam a visão tradicional da linguagem na educação, argumentando que aceitar a gramática normativa como a única forma "correta" de expressão é limitante e desconsidera a natureza dinâmica e sociocultural da língua. Essas visões defendem a importância de reconhecer e valorizar a diversidade linguística e a necessidade de uma abordagem educacional que esteja consciente das implicações sociais e culturais da variação linguística, como destacam Cezário e Vorre:

A sociolinguística, com suas pesquisas baseadas na produção real dos indivíduos, dá-nos informações detalhadas acerca das variantes produzidas pelas pessoas mais escolarizadas, sobre as variantes que deixaram de ser estigmatizadas, e das mudanças já implementadas na fala, mas que ainda não são aceitas nas gramáticas normativas. Com isso, a área da educação se enriquece com as informações que podem ser usadas também no ensino da língua culta, que passa a ser baseada em dados reais (Cezário; Vorre, 2009, p. 152).

A citação de Cezário e Vorre (2009) junto às definições de Sociolinguística Educacional de Bortoni-Ricardo (2014) combinam para fornecer-nos uma visão abrangente da relevância da Sociolinguística na educação. Os autores destacam que a Sociolinguística, ao estudar a produção linguística real dos indivíduos, mostra informações detalhadas sobre as variantes linguísticas usadas por pessoas mais escolarizadas, aquelas que deixaram de ser estigmatizadas e as mudanças na fala que ainda não foram incorporadas nas gramáticas normativas.

Por sua vez, Bortoni-Ricardo (2014) vê a Sociolinguística Educacional como a aplicação prática dos achados das pesquisas sociolinguísticas para solucionar problemas educacionais e criar abordagens pedagógicas mais eficazes. Essa visão implica que a educação pode se beneficiar imensamente do conhecimento sociolinguístico.

Ao se combinar essas perspectivas, torna-se evidente a importância de integrar os resultados de pesquisas sociolinguísticas no contexto educacional, o que significa ensinar a língua de uma maneira que reflita seu uso real na sociedade. A Sociolinguística Educacional, portanto, oferece uma abordagem mais inclusiva para o ensino de línguas e reconhece a linguagem como um fenômeno dinâmico e sociocultural.

3 Procedimentos metodológicos para a produção dos dados

O estudo em questão apresenta os resultados de um estudo de caso que adota uma abordagem qualitativa e interpretativista, como mencionado na introdução. De acordo com Lüdke e André (1986), um estudo de caso pode variar de simples e específico a complexo e abstrato, sendo sempre bem delimitado. Ele se caracteriza por sua singularidade e interesse próprio, representa um valor potencial na educação. Outros autores realçam que casos naturalísticos são ricos em dados descritivos, possuem um plano aberto e flexível e focam a realidade de modo complexo e contextualizado.

Neste contexto, o estudo de caso é um método de pesquisa que explora um assunto em profundidade e pode proporcionar bases para futuras investigações na mesma área. Para a coleta de dados deste estudo, utilizou-se o aplicativo *WhatsApp*, especialmente devido à limitação de tempo. Contatos telefônicos foram feitos para a coleta de informações adicionais. Com dados básicos sobre alunos e professora, um roteiro para entrevista-narrativa foi elaborado, com o objetivo de compreender as experiências vividas e produzir significado a partir das análises. Em seguida, um questionário foi enviado no aplicativo, utilizou-se o recurso de enquete. Guimarães (2017) argumenta que os avanços dos meios de comunicação criam novas formas de interação social e a internet gera novas dinâmicas sociais, o que justifica o uso do *WhatsApp* neste estudo.

O método de pesquisa narrativa qualitativa foi empregado para coletar e interpretar histórias pessoais, no intuito de compreender as experiências e perspectivas individuais. A entrevista narrativa foi uma ferramenta chave nesse processo, que permitiu que a participante relatasse suas histórias vivenciadas no ensino de maneira livre e pouco estruturada, o que facilitou a obtenção de reflexões detalhadas.

Na fase de análise, a abordagem interpretativista da pesquisa qualitativa foi utilizada para entender como a participante constrói e interpreta seu mundo social. Assim, a análise focou na interpretação dos significados que a participante atribuiu às suas experiências e identificou temas e padrões na narrativa, aspectos que serão detalhados na próxima seção do artigo.

4 Análise da entrevista-narrativa da professora de Língua Portuguesa

Os resultados das análises foram organizados em quatro tópicos, dispostos por temáticas de investigação, as quais podem ser conferidas na sequência desta seção.

4.1 Tópico 01 - A língua é a realidade do falante

A indagação inicial visava obter detalhes acerca da proficiência em língua portuguesa do estudante imigrante, dirigida à professora. A pergunta foi: “Seu aluno imigrante se comunica em língua portuguesa”? Ela respondeu que o aluno fala a língua portuguesa muito mal, mas fala. Ou seja, o aluno imigrante possuía habilidades de comunicação limitadas na língua, embora era capaz de se expressar.

Temos uma resposta sucinta e clara, assim, “compreendemos que a língua é a realidade do falante, sua marca de origem possui características próprias, e por esse motivo muitas vezes é julgada e discriminada por alguém que se julga superior. (Medeiros; Souza, 2021, p. 227).

Autores como Altenhofen (2004) e Jungblut (2011) discutem, em um contexto histórico e sociolinguístico, que a discriminação contra as línguas e variedades linguísticas de imigração no Brasil tem suas raízes nas políticas linguísticas repressivas durante o governo de Getúlio Vargas, mais especificamente na década de 1940. Durante esse período, prevaleceu a ordem de “um povo, uma língua”, promovendo-se o português como a única língua nacional em detrimento de idiomas e dialetos de origem imigrante.

Altenhofen e Jungblut argumentam que essa agenda nacionalista de uniformidade linguística e cultural contribuiu para a relativa falta de interesse atual pelas línguas e variedades linguísticas de imigração, evidenciando o impacto duradouro das políticas desse modelo ditatorial na percepção e valorização da diversidade linguística no Brasil.

É lamentável que ainda hoje, em pleno século XXI, ainda possa haver preconceito em ser bilíngue no Brasil e que esse preconceito possa ser um empecilho para sermos julgados como falantes de um português ruim. Outro ponto que merece destaque e que faz com que muitos deixem de falar a língua/variedade de imigração é a questão da estigmatização dessas línguas não dominantes em comparação com a língua majoritária dominante.

4.2 Tópico 02 – Estratégias e desafios linguísticos

O segundo tópico questionava sobre: “Que estratégias você adotou em sala de aula para ajudar o aluno imigrante a superar os desafios linguísticos e culturais que enfrenta? Conte-nos.”, como resposta da professora temos,

Bom, o professor sempre se reinventa. Então, assim, eu usei com eles um material, que o menino me deu, outro recurso, uso um pouco do meu francês, mas eu tenho uma irmã que fala francês muito bem, e aí a gente conversava, chegou até, teve até momentos, entendeu? Durante a aula, eu ligava para ela, durante a aula para conversar comigo, em francês, e com o aluno também, isso ajudou muito, né? E os próprios colegas, um tentando ajudar o outro, enfim, tem de tudo, né? (Excerto da narrativa de Laura, 2023).

Neste excerto narrativo de Laura, fica em destaque as habilidades de criatividade e adaptabilidade que são fundamentais para educadores ao enfrentarem desafios linguísticos e culturais, ao trabalharem com estudantes imigrantes. O que reforça a necessidade de os professores se reinventarem para atender às variadas necessidades dos alunos. Laura utiliza materiais fornecidos pelo próprio aluno para personalizar o ensino, cria uma conexão mais profunda com ele, aproveita seu conhecimento em francês e a fluência de sua irmã nesse idioma para facilitar a comunicação e estabelecer um ambiente acolhedor, que valoriza a língua materna do estudante.

A colaboração entre os colegas de classe é ressaltada, o que incentiva um ambiente de aprendizado comunitário e apoio mútuo. Essas estratégias demonstram a importância da flexibilidade, personalização e cooperação no ensino, assim como evidenciam como os educadores podem usar recursos criativos e o suporte da comunidade para ajudarem no sucesso e na integração dos alunos imigrantes no ambiente escolar.

Bernieri (2017), em seu estudo, observa que, de modo geral, professores da educação básica, mesmo sem formação específica sobre o tema, mostram-se motivados e sensíveis ao trabalhar com crianças bilíngues. Para reforçar essa ideologia, acrescenta:

[...] registramos que os professores que vivem a realidade de alunos haitianos na escola, afirmam que deveria haver o ensino de francês na escola, a fim de que se pudesse ter uma maior interação de brasileiros com os imigrantes haitianos, através do conhecimento de sua língua e culturas. (Bernieri, 2017, p. 17).

A citação de Bernieri reflete uma observação importante sobre a integração de alunos haitianos em escolas onde a maioria dos alunos é brasileira, por isso sugere a

introdução do ensino de francês para promover uma maior interação entre brasileiros e haitianos. A proposta reconhece a importância da linguagem como ferramenta de inclusão e compreensão cultural.

Apesar dos muitos desafios, a sensibilidade da profissional evidenciou que a interação e o engajamento são possíveis, adota estratégias espetaculares, aproveita o conhecimento prévio dos alunos haitianos, que incluía informações adquiridas na escola e nas relações estabelecidas ao longo da vida, dessa forma, compreende a importância do uso do francês, língua adquirida nas escolas de seu país de origem.

4.3 Tópico 03 – O material didático de português

No terceiro tópico solicitou-se “Como era a relação de seu aluno imigrante com o material didático de português, levando em consideração que o material é desenvolvido através de uma perspectiva de língua materna, no entanto, é utilizado também para ensino de português para estrangeiros”. Assim, a professora narrou,

No começo, dependiam 100 % da intervenção de professor ou, então, da família para ajudar em casa, nas atividades. Isso faz com que muitos nem façam as atividades. E, em sala de aula, contavam com os próprios colegas ajudando. Então, assim, esses alunos, na realidade, não estavam inclusos no processo de aprendizado, né? Eles estão inseridos lá nessa escola, mas não existe a inclusão, né? Então, assim, é uma relação muito difícil e eu acho que, na visão deles, isso pode ser algo muito desgastante, apesar de serem adolescentes. (Excerto da narrativa de Laura, 2023).

Desse modo,

[...] uma aproximação maior ainda e algumas dificuldades inerentes de cada língua trazida para o Brasil, inserem-se o estrangeiro com a missão de se adaptar ao modelo de ensino-aprendizagem do sistema escolar brasileiro. Focando no “gramatiquês” a gramática transforma-se em ‘algo’ nocivo à aprendizagem, característica que é confirmada na prática cotidiana em sala de aula, onde o objetivo do ensino da Língua Portuguesa tem se restringido ao ensino das estruturas e regras gramaticais da língua, ignorando seu principal objeto de estudo: a linguagem em suas várias formas de comunicação e interação humana. (Waal, 2009, p. 987).

Este excerto narrativo focou em uma preocupação fundamental no âmbito educacional, enfatizou a necessidade de uma inclusão efetiva dos alunos no processo de aprendizagem. Ela observou uma dependência excessiva de intervenções externas — por

parte de professores, familiares ou colegas - na realização das atividades escolares. Tal dependência sugere que a inclusão, apesar de presente em termos físicos, pode não ser eficaz no que diz respeito ao aprendizado e ao desenvolvimento autônomo dos alunos. Além disso, o desgaste emocional, notável em adolescentes, pode comprometer sua motivação e engajamento.

Ao complementar essa análise, a citação de Waal (2009) expande o debate para o âmbito do ensino de línguas estrangeiras e foca no ensino da Língua Portuguesa a estrangeiros no Brasil. A abordagem centrada na gramática, denominada "gramatiquês", pode ser contraproducente para a eficácia do aprendizado da língua, visto que se limita às estruturas e regras gramaticais e negligencia a linguagem como uma ferramenta de comunicação e interação humana.

Essa abordagem restritiva pode ser desafiadora para alunos estrangeiros, que precisam aprender a língua e se adaptar a um novo contexto cultural e educacional. A concentração na gramática pode não ser a metodologia mais eficiente para promover a comunicação e a integração desses estudantes.

Para ilustrar, considere-se o caso dos imigrantes haitianos. Em seu país de origem, eles utilizam o crioulo como língua do dia a dia e o francês no ambiente escolar. Esse cenário apresenta desafios comparáveis aos enfrentados pelas crianças negras americanas estudadas por Labov⁵ (2008[1972]). Assim, cabe harmonizar o ensino da língua portuguesa para esses imigrantes, considerando tanto o uso cotidiano quanto o profissional e respeitando suas características linguísticas originais, sem perder de vista o contexto brasileiro atual em que estão inseridos, sendo que isso representa um desafio considerável para os educadores.

Ensinar português a um imigrante de Porto Príncipe, capital do Haiti, que agora reside em Sinop, requer uma abordagem que transcenda a simples transmissão de regras gramaticais. É necessário considerar tanto as bases linguísticas crioulo e francês do estudante quanto os aspectos regionais do falar sinopense. Essa tarefa exige uma compreensão profunda e uma abordagem pedagógica que vai além do ensino convencional de gramática.

⁵ Em meados da década de 1960, Labov iniciou estudos para entender se era verdadeiro o que se dizia a respeito de que o fracasso do ensino escolar aplicado às crianças negras do Harlem (bairro de Manhattan, na cidade de Nova Iorque) era devido ao dialeto falado por eles. Chegou à conclusão de que havia importantes diferenças entre o padrão de fala do inglês praticado pelos negros em relação ao dos brancos, no entanto, o que causava as dificuldades no aprendizado da leitura e escrita era o desprezo do vernáculo dos negros, simbolicamente representado pelo racismo arraigado e institucionalizado da sociedade americana.

O papel de inclusão desses imigrantes também precisa ser analisado do crioulo para o francês. Um caminho de trajetórias distintas, mas ao mesmo tempo semelhantes, que se aplicam em algum grau ao novo desafio que ele terá para aprender a língua oficial falada no Brasil.

4.4 Tópico 04 – Aulas de apoio

Nesse tópico, a pergunta foi: “O aluno precisou de aulas de apoio e/ou reforço de português? Relate”. Como resposta, a professora esclareceu que,

A escola tem isso muito bem solucionado, vamos dizer assim, porque todos os alunos imigrantes que estão no ensino fundamental, automaticamente eles são colocados logo no primeiro mês de aula, que a gente já viu quem são, a gente encaminha para que eles tenham aula de reforço de Língua Portuguesa ou aula de Língua Portuguesa. O ano passado foi Alfabetização porque a escola tinha pedagogo e esse ano eles vão para sala com os professores também de apoio pedagógico. Então, isso tem ajudado bastante para que eles possam também desenvolver essa língua portuguesa deles. (Excerto da narrativa de Laura, 2023).

O excerto narrativo de Laura descreve uma abordagem proativa e bem estruturada adotada pela escola para integrar alunos imigrantes no sistema educacional, foca no ensino da Língua Portuguesa, que inclui a identificação precoce desses alunos e seu encaminhamento para aulas de reforço ou específicas de Língua Portuguesa, sendo que se adapta às necessidades de cada ano letivo, como a alfabetização no ano anterior e o apoio pedagógico no ano corrente.

Este método, conforme descrito por Laura, ressalta a importância de uma abordagem holística no ensino para imigrantes, como apontado por São Bernardo (2016). Ensinar uma língua a imigrantes, especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade social, exige uma ação mediadora que transcenda as barreiras linguísticas e culturais, que envolve um acolhimento afetivo e a consideração das relações interpessoais dos alunos imigrantes com a comunidade escolar, que inclui colegas e professores.

No caso de imigrantes adolescentes, é fundamental considerar o contexto emocional complexo em que estão inseridos. Frequentemente, esses jovens enfrentam uma forte pressão emocional, sentem-se deslocados e vulneráveis e, em muitos casos, encontram-se em um novo país por decisões familiares. Portanto, uma abordagem

educacional para esses estudantes deve envolver o ensino da língua e o suporte emocional e social, para ajudá-los a se adaptarem e se integrarem tanto na escola quanto na sociedade.

Outro problema condiz com a capacitação da mão de obra docente, assim como com a mão de obra dos profissionais da educação em geral, para que consigam lidar com situações de plurilinguismo valorizando, sem discriminação, cada uma das línguas do indivíduo. (Horst; Krug, 2020)

Em síntese, o termo "multilíngue" é usado para descrever um país, uma localidade ou uma instituição que abrange várias línguas. Isso significa que várias línguas são faladas, compreendidas e utilizadas no contexto desse lugar ou instituição. Um exemplo de um país multilíngue é a Suíça, onde quatro línguas oficiais (alemão, francês, italiano e romanche) são faladas em diferentes regiões. Por outro lado, o termo "plurilíngue" refere-se a uma pessoa que fala, compreende e se expressa em várias línguas. Essa pessoa é capaz de se comunicar efetivamente em diferentes idiomas e tem proficiência em mais de uma língua.

Ao se tratar dos benefícios que crianças bilíngues têm, professores entrevistados por Bernieri (2017) destacam a plasticidade do cérebro da criança, que aprende fazendo comparações entre línguas, noção esta já apresentada como benéfica por Gibbons e Ramirez (2004), que é um solo fértil para aquisição de mais de uma língua. Estudos como os de Grosjean (2010), King e Mackey (2007) e Romaine (1995) também apontam grandes vantagens dos bilíngues em comparação aos monolíngues. Ser bilíngue deixou, há muito tempo, de ser algo que atrapalha, mas a falta de acesso à informação e, por que não dizer, a formação insuficiente dos professores em nosso país e, assim como a carga excessiva de trabalho dos docentes, faz com que não tenham tempo para se aprimorarem e, assim, o mito do monolingüismo se mantém vivo.

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos a narrativa de uma professora de Língua Portuguesa na educação básica e reflexões sobre o estado atual do ensino a imigrantes no contexto escolar. Através de uma perspectiva teórica, realizamos uma retrospectiva histórica de pesquisadores e teorias (sócio)linguísticas, que foram fundamentais para

compreendermos os processos que interligam linguagem e sociedade. Esta abordagem pode levar a iniciativas para o desenvolvimento de políticas educacionais mais inclusivas.

A seleção de uma professora com ampla experiência como foco do estudo destacou a relevância das experiências práticas no ensino. Isso ressalta como a língua, um reflexo direto da realidade e identidade dos falantes, desempenha um papel fundamental no entendimento das barreiras e potenciais de alunos imigrantes. Nesse contexto, o preconceito linguístico pode surgir como um obstáculo significativo, por isso sublinha a importância de valorizar a diversidade linguística nas escolas.

A criatividade e a capacidade de adaptação dos educadores são importantes no ensino de alunos imigrantes, enfatizam também a necessidade de motivação do professor para apoiar alunos bilíngues ou multilíngues. Os desafios enfrentados com materiais didáticos convencionais sinalizam a urgência de se desenvolver recursos mais inclusivos e flexíveis. Além disso, a crítica ao enfoque excessivo na gramática em detrimento das habilidades comunicativas práticas sugere a necessidade de um equilíbrio mais eficaz no ensino de línguas.

Em relação ao material didático de português, os alunos dependiam da professora, mas, com o tempo, observou-se maior interação entre os alunos e progresso significativo. A escola oferece aulas de apoio para alunos imigrantes, demonstrou preocupação com a inclusão efetiva desses estudantes.

A implementação de aulas de apoio específicas para alunos imigrantes representa um avanço significativo na inclusão educacional. Para um ensino verdadeiramente inclusivo e respeitoso, a formação dos professores em plurilinguismo é fundamental. A valorização da diversidade linguística e cultural no ambiente educacional é crucial, especialmente em contextos com alunos imigrantes.

A adaptação do sistema educacional para atender às necessidades específicas desses alunos é um passo fundamental para estabelecer um ambiente de aprendizagem inclusivo e eficiente. O papel proativo dos educadores e seu desenvolvimento profissional contínuo são indispensáveis para superar os desafios do ensino de línguas em ambientes multiculturais.

Nossa metodologia une análise sociolinguística da narrativa da professora com uma perspectiva histórica e teórica, o que nos permitiu uma compreensão aprofundada

das dinâmicas sociais e linguísticas envolvidas na interação de alunos imigrantes, que contribuem para a melhoria de sua educação e inclusão.

A metodologia qualitativa de estudo de caso foi fundamental para compreendermos as particularidades da educação em ambientes multiculturais, o que nos permitiu uma análise mais profunda das experiências individuais e contextuais, mais especificamente da professora em questão. E o emprego inovador de tecnologias, como o uso do *WhatsApp* na coleta de dados, exemplificou a necessidade de alinhar as metodologias de pesquisa com as tendências contemporâneas.

A análise das estratégias adotadas pela professora para superar os desafios linguísticos e culturais enfrentados pelos alunos imigrantes revelou-se uma experiência esclarecedora. Por exemplo, ela utilizou abordagens interativas e diálogos em sala de aula, adaptou materiais didáticos existentes e incorporou-se do seu conhecimento em francês. "Durante a aula, eu ligava para minha irmã para que conversasse em francês comigo e com o aluno", narrou.

Assim, através de uma análise minuciosa e do compartilhamento de experiências vivenciadas pela professora, conseguimos identificar elementos fundamentais que impactam a eficácia do processo educativo.

Ensinar uma nova língua a imigrantes em situação de vulnerabilidade exige uma abordagem mediadora, acolhedora e afetiva, que vai além dos aspectos linguísticos e culturais. No caso de adolescentes imigrantes, as relações interpessoais com a comunidade escolar também são fundamentais. Este estudo também proporcionou uma visão abrangente sobre a complexidade do ensino de línguas em contextos multiculturais e multilíngues.

Estas reflexões finais sublinham a complexidade e a importância de se formular estratégias educacionais inclusivas para o ensino de línguas a alunos imigrantes. Enfatiza-se a necessidade de entender-se, adaptar-se e valorizar as realidades específicas, linguísticas e socioculturais dos alunos para assegurar-se uma educação equitativa e enriquecedora.

Referências

Revista de Letras Norte@mentos

ALKMIM, T. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 2. 8ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010

ALTENHOFEN, Cléo V. Migram os homens. E as línguas. In: *Zero Hora: Caderno de Cultura*, Porto Alegre, p. 4-5, 24.07. 2004.

AMARO, Thauany F.; PHILIPPSEN, Neusa. I. A aquisição da língua portuguesa por imigrantes haitianos residentes em Sinop/MT: uma problemática sociolinguística contemporânea. In: SANTOS, Leandra Ines Seganfredo. PHILIPPSEN, Neusa Inês. (Org.). *Pesquisa Linguística na Amazônia brasileira: descrição, ensino e formação docente*. 1ed.Campinas: Pontes Editores, 2019.

BERNIERI, Simone Raquel. *Crenças e atitudes linguísticas em relação a línguas minoritárias: alemão em São Carlos e italiano em Coronel Freitas*. 2017. 187 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2005.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 52. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta*. São Paulo: Parábola, 2003.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Português brasileiro: o português que falamos*. São Paulo: Contexto, 2005.

CANDOU, Vera Maria. *Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação. *Revista Brasileira de Educação*. v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

CEZÁRIO, Maria. M. e VORRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário; (org.). *Manual de linguística*. 1º edição. São Paulo. Contexto, 2009.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COTINGUIBA, Geraldo Castro; PIMENTEL, Marília Lima. Deslocamento populacional contemporâneo: língua e história – uma contribuição para os estudos sobre a imigração haitiana para o Brasil. In: GATTAZ, A; FERNANDEZ, V.P.R. (Orgs.). *Imigração e deslocamentos populacionais contemporâneos*. São Paulo: Editora Pontocom, 2013.

Revista de Letras Norte@mentos

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Traduzido por Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIBBONS, John and RAMIREZ, Elizabeth. The societal. In: *Maintaining a minority language. A case study of hispanic teenagers*. Clevedon, England: Multilingual Matters LTD, 2004.

GROSJEAN, François. *Bilingual: Life and Reality*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2010.

GUIMARÃES, Maristela Abadia. *O “eu” confronta o “outro”*: o que (re) velam as manifestações de brasileiros sobre haitianos nas mídias e Redes sociais digitais. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. CUIABÁ, MT, 2017.

HORST, Cristiane e KRUG, Marcelo Jacó. Desafios de uma educação plurilinguística em um país que se diz monolíngue: um estudo de caso. Revista: *Linguagem & Ensino*. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, v. 23, n. 4, OUT-DEZ (2020). Disponível em: <[file:///C:/Users/isava/Downloads/18946-Texto%20do%20artigo-68657-1-10-0201106%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/isava/Downloads/18946-Texto%20do%20artigo-68657-1-10-0201106%20(2).pdf)> Acesso em: 04 de maio de 2023.

IBGE. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Censo Brasileiro de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

JESUS, Nauk Maria de. A capitania de Mato Grosso: história, historiografia e fontes. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 5, no. 2, jul.-dez., 2012, p. 93-113.

JUNGBLUT, Roque. *Porto Novo. Um documentário Histórico*. Itapiranga: 3ª Ed. 2011.

KING, K. A.; MACKEY, A. *The bilingual edge: How, when and why to teach your child a second language*. HarperCollins, 2007.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU; 1986.

MEDEIROS, Ilana Souto de; SOUZA, A.L.F. Construção de sentidos sobre o conceito SOCIEDADE em textos da internet: metáforas situadas, frames e argumentação. *Revista do GELNE*, v. 23, p.157-168, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2009.

PANDOVANI, Bruna F. S. de L.; SANCHES, Romário, D. Interface entre a Sociolinguística e a Dialetoлогия. *Web - Revista Sociodiaeto*. Volume 6. Número 18. Maio de 2016.

Revista de Letras Norte@mentos

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli.; ROVEDA, Suzana Damiani. Caracterização de “erros” de português em situações de uso oral e escrito e reflexões lingüístico-pedagógicas. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert [et. al.]. *Transformando o ensino de língua e literatura: análise da realidade e propostas metodológicas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 143-191.

ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995.

SÃO BERNARDO, Mirelle Amaral de. *Português como língua de acolhimento: um estudo com imigrantes e pessoas em situação de refúgio no Brasil*. 2016. 206 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8126?show=full>> Acesso em: 27 maio 2019.

WAAL, Daiane Van Der. Gramática e o ensino da língua portuguesa. *IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia*. 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2003_1006.pdf> Acesso em: 04, jul. 2023.

Recebido em 10/01/2024.

Aprovado em 12/04/2024.